

**DISCURSO CIENTÍFICO E DISCURSO  
JORNALÍSTICO: uma análise discursiva  
de seu funcionamento**

***SCIENTIFIC DISCOURSE AND JOURNALISTIC  
DISCOURSE: a discursive analysis of their functioning***

**Clarinda Rodrigues Lucas<sup>1</sup>**

**Resumo**

Tendo em vista o propósito de analisar o imaginário que permeia a expressão *meninos de rua* como veiculada pela mídia, contrapondo-a à expressão *crianças de rua* utilizada nos artigos publicados por cientistas sociais em revistas acadêmicas, mobilizaremos nesta reflexão a teoria da análise de discurso. O objeto das análises será composto por artigos selecionados do jornal Folha de São Paulo, vistos como discurso jornalístico, e por resumos de artigos incluídos na base de dados SOCIOFILE - *Sociological Abstracts*, vistos como discurso científico. Buscamos compreender a passagem da noção de criança para a noção pré-construída de *menino de rua* e o que decorre desta passagem. Relacionamos as questões relativas à estruturação discursiva como constitutiva de uma certa memória social, com o discurso da mídia e o discurso científico quando trata dos meninos de rua.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Diretora da biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP

## Palavras-chave

ANÁLISE DE DISCURSO  
DISCURSO CIENTÍFICO  
DISCURSO JORNALÍSTICO  
MEMÓRIA

### *Meninos de rua*

*Você gosta de menino de rua? As pessoas são classificáveis, para mim, em duas categorias. Os que gostam e os que detestam. Eu sou dos primeiros, gosto deles. Acho até que, se eu fosse favelado, queria ser menino de rua.*

*Não há comparação possível entre a vida de um menino da favela ou das periferias, que é onde eles mais se concentram, e a de um da rua. Os primeiros vivem famélicos, pegando comida do lixo e tentando roubar uma banana na feira dos pobres, com o perigo de levar uma bala. Sua salvação é se transformarem em agentes dos traficantes. Eles põem nas suas mãos armas poderosas, que todo menino gostaria de manipular, e muito dinheiro, mais do que seus pais ganham, inclusive para ajudar o sustento da casa.*

*Vida de menino de rua é outra coisa. Seu espaço é a rua mesmo. Cheia de carros bonitos, cujas marcas e anos de fabricação eles conhecem perfeitamente, rodando macios ou perigosamente velozes. Cheias de vitrines cintilantes, com mercadorias que não querem nem podem comprar, mas que são boas demais de ver. O roubo na rua também é mais fácil e mais rendoso. Suas vítimas são indefesas e têm mais o que dar, como jóias bem pagas pelo receptor e dinheiro vivo. O convívio, também, na rua, entre eles, é melhor.*

*Têm que respeitar as meninas, porque toda menina tem dono, seja um adulto que as explore como cafetão, seja outro guri que a considere e a defenda como sua esposa. Outra qualidade da vida na rua é que ela dá importância aos meninos. Gente de toda parte e de todas as religiões chega ali cheia de dinheiro, querendo salvá-los. Eles se cuidam de não se entregar, mas recebem o que lhes dão de graça - só custa umas fotos com o assistente social (RIBEIRO, 1997).*

A leitura do texto acima mostra-nos como um menino de rua pode ser visto sob um olhar de aventura. O texto de Darcy Ribeiro compara a vida do menino na rua ao da favela, e a vida na rua parece ser melhor: nela o menino tem aventura, novidades, camaradagem, valorização e pode até receber cuidados especiais. O menino da favela só tem perdas; é esfomeado, é vítima do tráfico ou transforma-se em aliado do traficante. Apesar do texto de Darcy Ribeiro passar uma imagem de vida atraente, parece-nos que este menino não tem muita escolha e o que ele não pode mesmo é ser criança; palavra que, estabilizada no dicionário Aurélio, é referida como “período da vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios [...]”

Tendo em vista o nosso propósito de analisar o imaginário que permeia a expressão *meninos de rua* como veiculada pela mídia, contrapondo-a à expressão *crianças de rua*<sup>2</sup> utilizada nos artigos publicados por cientistas sociais em revistas acadêmicas, mobilizaremos nesta reflexão a categoria discursiva do pré-construído<sup>3</sup>. Buscamos compreender a passagem da noção de criança para a noção pré-construída de *menino de rua* e o que decorre desta passagem.

---

<sup>2</sup> Os resumos são apresentados em inglês. Traduzimos a expressão *street children* por *criança de rua*, visto a palavra *children* aparecer no dicionário COLLINS como crianças.

<sup>3</sup> Cf. Pêcheux, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: UNICAMP, 1988.

# 1 A CATEGORIA DISCURSIVA DO PRÉ-CONSTRUÍDO

Paul Henry<sup>4</sup> propôs o termo *pré-construído* para designar “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado”. Pêcheux definiu-o como o “impensado do pensamento, isso que é pensado antes, fora e independentemente disso que está construído, ou ainda a evocação [...] no pensamento do sujeito “todo mundo sabe que [...]”<sup>5</sup>. Do ponto de vista discursivo, sabemos que este enunciado *todo mundo sabe que...* traz consigo um programa de leitura, um dispositivo complexo da memória que vai colocar em jogo a passagem do *visível* para o *nomeado*, no qual a imagem funciona como operador da memória social, ocorrendo assim o efeito de repetição e de reconhecimento.

Pêcheux<sup>6</sup> chama a nossa atenção para o *efeito de opacidade* que se produz, no momento em que sob *o mesmo* da materialidade da palavra ocorre o jogo da metáfora; e a própria memória esburaca-se, perfura-se, antes de desdobrar-se em paráfrase. É o momento em que não se consegue mais encontrar o trajeto de leitura destes implícitos, e ocorre a estabilidade parafrástica, a transparência da frase. E aqui entra o analista de discurso, questionando os efeitos destas montagens seqüenciais, distanciando-se de palavras que se apresentam como transparentes e que constituem a memória - o interdiscurso<sup>7</sup>. Esta memória apresenta-se como espaço de deslocamentos, de retomadas, lugar de conflitos e de regularização, de polêmicas e conseqüentes desdobramentos.

---

<sup>4</sup> Cf. Henry, Paul. **A ferramenta imperfeita:** língua, discurso e sujeito. Campinas, Pontes/Ed da UNICAMP, 1992.

<sup>5</sup> Cf. Pêcheux, M. Rôle de la mémoire. In: ACHARD, Pierre et alii. **Histoire et linguistique.** Paris, CNRS, 1985.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Para Maingueneau (1989) o interdiscurso “consiste em um processo de reconfiguração incessante, no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos *pré-construídos*, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos.”

## 2 DISCURSO CIENTÍFICO: situação espelho e situação teórico-concreta

Nesta reflexão buscamos relacionar as questões relativas à estruturação discursiva como constitutiva de uma certa memória social, mais especificamente quando concerne ao *pré-construído*, com o discurso da mídia e o discurso científico quando trata dos meninos de rua, para nós, já com efeito de *pré-construído*. A categoria do *pré-construído* esta atrelada à questão do corpus e do interdiscurso como mostramos acima. Visto termos como *corpus* de análise o discurso científico, cabe aqui a afirmação de Pêcheux (1988) de que “não há discurso da ciência (nem mesmo, a rigor, discurso de uma ciência) porque todo discurso é discurso de um sujeito [...], entendido que todo discurso funciona como relação à forma-sujeito”<sup>8</sup>, de modo que todo discurso científico está ligado à alguma ideologia.

Caminhar nesta direção, permiti-nos afirmar, juntamente com Pêcheux (1988), que o processo de produção de conhecimentos em uma determinada área, está intrinsecamente ligado a uma *luta à propósito de nomes e de expressões para aquilo que elas designam [...] e a propósito da formulação de questões*, e que a suposta “neutralidade científica” mascara o fato de que a objetividade científica é indissociável de uma *tomada de posição* materialista, onde não há formulações equivalentes, significando com isso o reconhecimento da confusão representada pela distinção entre *linguagem prática* (com seus pressupostos e posições subjetivas) e a *linguagem teórica ou de formulação*, que seria a linguagem da ciência; confusão entre situação-espelho e a situação teórico-concreta que caracteriza a fronteira da produção de conhecimentos de uma disciplina dada, em um momento dado.

---

<sup>8</sup> Cf. Pêcheux, M. (1988) : “ A expressão *forma-sujeito* é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais”

### 3 A MÍDIA COMO DISCURSO SOCIAL

Tudo o que se diz, tudo o que se escreve em uma sociedade dada, tudo o que se imprime, o que se fala hoje na mídia eletrônica foi definido por Angenot (1984) como discurso social. Interessa-nos destacar desta noção de discurso social, como consenso posto em funcionamento em um estado da formação social, o seu efeito do já-dito, entendido como “todo mundo sabe...” que acima apontamos como pertencente à categoria de *pré-construído*. Orlandi (1992) realça a noção de discurso social como função do horizonte imaginário social já produzido, isto é, o discurso social sendo do domínio da formulação e não da constituição do discurso.

### 4 CORPUS DE ANÁLISE

Como *corpus* selecionamos dois tipos de discurso, o jornalístico e o científico. Esta escolha busca verificar o que Pêcheux descreveu como estrutura ou acontecimento<sup>9</sup>. Sabemos que o discurso jornalístico tanto quanto o científico contribui para a produção de sentidos estabilizados, que irão constituir o imaginário sobre uma determinada questão. Visamos compreender os diferentes processos de significação que vão sendo construídos sobre as crianças, configurando-as como vítimas ou como marginais dentre outras possibilidades.

O discurso científico, como posto por Pêcheux (1988), busca a produção de conhecimentos em uma determinada área, em nosso caso, as crianças de rua, e neste processo, as designações, as expressões empregadas pelos autores, significam tomadas de posição, contribuindo para a formulação de políticas e ações que vão orientar o encaminhamento do problema.

---

<sup>9</sup> Cf. Pêcheux, M. (1990). O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes Editores.

O objeto de nossas análises será composto por artigos selecionados do jornal Folha de São Paulo, visto como discurso jornalístico, e por resumos de artigos incluídos na base de dados SOCIOFILE - *Sociological Abstracts*<sup>10</sup>, vistos como discurso científico. Os artigos foram escolhidos à partir de pesquisa pelas palavras *meninos de rua* e *crianças de rua*.

## Recorte 1

*Polícia faz meninos de rua desfilarem amarrados em AM. Editoria: COTIDIANO Página: 3-2 4/255, Edição: São Paulo ABRIL 1, 1997 A PM do Amazonas levou ontem para a Delegacia do Menor 22 crianças e adolescentes amarrados pelas roupas, andando por duas avenidas de Manaus. Segundo o Comando da PM, as crianças não estavam amarradas. “Estão apenas segurando uns nos outros”, disse o coronel Francisco Orleilson Guimarães, comandante geral da PM. “Eles estavam drogados e foram levados”, disse Guimarães. Segundo a polícia, uma vizinha denunciou que os meninos promovem arruaças. Segundo a PM, eles foram levados dessa maneira porque o Estatuto da Criança e do Adolescentes proíbe que sejam algemadas ou levadas em camburão. O Juiz da Infância e Juventude Celso Gióia disse que os policiais devem ser responsabilizados por expor as crianças a “situação vexatória”.*

Observamos no recorte 1 que a expressão *meninos de rua* aparece somente no título da notícia, inscrevendo o acontecimento no tema *meninos de rua*, e oferecendo para o leitor o imaginário que esta expressão traz consigo, dando-lhe estabilidade referencial. Percebemos neste título um não-dito, um pré-construído para os *meninos de rua*, confirmado na voz do representante da polícia militar e de uma denunciante que os caracteriza de antemão como culpados, arruaceiros e drogados; para o juiz da infância eles ainda são crianças.

---

<sup>10</sup> Esta base de dados bibliográfica indexa artigos publicados na área de ciências sociais.

## Recorte 2

*Família dos meninos vira foco de atenção Autor: FERNANDO ROSSETTI. Editoria: COTIDIANO Página: 3-9, Edição: Paulistana Oct 13, 1996*

*Não dá para falar em criança de rua sem se referir também à sua família. É ela, afinal, a responsável legal pelo garoto e, muitas vezes, pelo abandono da casa \_embora nem sempre tenha culpa disso. “A questão da família começa desde o primeiro instante em que a gente vai para a rua”, afirma Eliane Rodrigues, gerente do Programa de Apoio à Família e à Juventude.*

*Não foi sempre assim, no Axé. “No começo, a grande ênfase era nos meninos. Mas a gente viu a necessidade de se voltar também para a família”, diz Eliane. Família, no caso, é qualquer referência adulta que o menino tenha: da mãe e pai aos avós, tios, padrastos, entre outros. “É o menino que dá a pista”. Como a idéia é tirar o menino da rua permanentemente \_e para isso ele terá de voltar para casa\_, hoje o Axé tem entre suas atividades o trabalho com a família para tentar compreender as questões que levaram ao abandono.*

### **Desagregação**

*“A família também precisa de atendimento”, afirma Eliane. “Trabalhar com a família é tentar encontrar saídas para ela, para os problemas por que passa”. Mas é aí que estão os maiores problemas. Em geral, a desagregação da família tem origem na pobreza, em fatores de natureza socioeconômicos, gerais no país. Moradia e emprego são as duas questões centrais. Segundo Eliane, o Axé atualmente está tentando obter recursos e se vincular a projetos e entidades que permitam desenvolver atividades de melhoria das moradias e de formação profissional para obtenção de empregos, para os jovens reintegrados e adultos.*

Neste recorte observamos o ponto de vista de uma entidade que cuida dos meninos de rua. O texto não se refere em nenhum momento a meninos de rua, e sim a crianças de rua, aos meninos, ao garoto. Esta



notícia apareceu como resultado de nossa pesquisa porque tem as palavras meninos e rua dispersas no texto. Vemos aqui como uma criança, independente de estar ou não na rua, é vista ainda como criança: precisando de referências adultas que façam o papel de família, que tenha uma moradia, possibilidades de educação. O artigo também aponta para as causas que levaram a criança para a rua: desagregação familiar decorrente de fatores sócio-econômicos e suas conseqüências. Neste recorte a criança é uma vítima.

### Recorte 3

*Pesquisa mostra violência a menor. Autor: FÁBIO GUIBU. Editoria: COTIDIANO Página: 3-4, Edição: Nacional Oct 12, 1996*

*Pesquisa divulgada ontem em Recife pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua revela que 172 crianças e adolescentes de 0 a 17 anos foram assassinadas em Pernambuco e Alagoas entre janeiro de 1995 e julho de 1996. Segundo o levantamento, nesse período foram registrados também 13 casos de aliciamento ou assédio sexual, 39 estupros e 174 espancamentos nos dois Estados. Houve ainda, diz a pesquisa, 59 abandonos de crianças pelos pais, 68 desaparecimentos, 84 casos de maus-tratos, quatro de prisão ou cárcere privado e um rapto. O número de homicídios e estupros, segundo o estudo, foi maior em Alagoas do que em Pernambuco. Em compensação, houve menos registros de espancamentos e desaparecidos. Em Alagoas, ocorreram 107 homicídios e 28 estupros envolvendo vítimas com menos de 18 anos de idade. Quinze menores de 18 anos desapareceram neste período de um ano e meio. Já em Pernambuco foram registrados 151 espancamentos contra crianças e adolescentes, além de 11 estupros e 53 desaparecimentos.*

### *Impunidade*

*Segundo a coordenadora do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua em Pernambuco, Helena Jansen, a falta de estatísticas anteriores semelhantes impede a entidade de avaliar a evolução da violência nos dois Estados. ‘Não podemos afirmar que os crimes aumentaram, mas consideramos os números que*

*encontramos alarmantes”, disse. Jansen acredita que a violência está ligada “à miséria, à fome e à impunidade dos criminosos”. Para a diretora do Departamento de Repressão aos Crimes contra Crianças e Adolescentes de Pernambuco, Inalva Regina, o problema está associado só à questão social. “Não há impunidade”. Para protestar contra a violência, o movimento realizou ontem em Recife uma manifestação na cidade, com música, discursos e entrega de mensagens a representantes do governo do Estado.*

Podemos constatar neste recorte o funcionamento de duas formações discursivas, a dos representantes do movimento de meninos de rua e a da representante do Estado. Se para esta última a questão dos meninos de rua está associada somente à questão social, a representante dos movimento dos meninos de rua aponta para a impunidade de quem pratica a violência contra os meninos além dos fatores econômicos. São duas formações discursivas complementares, vendo as crianças sob olhares semelhantes, mas buscando soluções distintas.

#### Recorte 4

*Huggins,-Martha-K.; Mesquita,-Myriam-Castro-P. Exclusion, Civic Invisibility, and Murder: The Killing of Street Youth in Democratizing Brazil. American Sociological Association (ASA). 1995.*

*Resumo: Uma análise sociológica de assassinatos em locais públicos, enfocando jovens assassinados por desconhecidos no Brasil, como finalidade de exclusão social das vítimas; invisibilidade cívica e estigmatização social, todos protegidos pela cultura do espectador que cria a impunidade para os assassínios (matadores). Este estudo empírico realça o lado humano dos jovens brasileiros vítimas de assassinio - a maioria deles são pobres, homens negros de 15 a 17 anos. O estudo possibilita a visão de que até os seus matadores, usualmente policiais em horário de trabalho ou não e de classes sociais semelhantes à de suas vítimas. A ênfase está na situação sócio-estrutural de geração de vitimas e na criação social das vítimas. A análise conclui que a imagem brasileira de juventude urbana pobre*

*como perigosas crianças de rua personaliza o problema social de jovens assassinados e contribui para o silêncio da consciência social sobre o relacionamento de matadores tal como estruturalmente originado/enraizado em problemas sociais como desemprego, fome, morte, terra e outras desigualdades de acesso aos bens.*

O artigo trabalha com a noção das crianças de rua como vítimas de problemas sociais e econômicos (desemprego, fome, morte, desigualdade de acesso aos bens), constatando que agentes e vítimas da violência provem da mesma classe social. Aponta para a cumplicidade da sociedade como inibidora da busca dos reais motivos que levam as crianças a serem vítimas da violência. Este texto expressa como de fato a noção de pré-construído funciona remetendo uma palavra, expressão a uma construção anterior, exterior, sempre independente, como se todo um imaginário já estivesse dando os dados para uma determinada situação, os próprios autores apontam para a imagem da juventude urbana brasileira pobre como *perigosas* crianças de rua.

## Recorte 5

*Deweese, -Anthony; Klees, -Steven-J. Social Movements and the Transformation of National Policy: Street and Working Children in Brazil. Comparative-Education-Review; 1995, 39, 1, Feb, 76-100.*

*Resumo: Milhões de crianças do meio urbano e rural em torno do mundo estão vivendo na rua e trabalhando em situações que afetam desfavoravelmente sua saúde, comparecimento escolar e o seu futuro. No Brasil, estima-se que aproximadamente 17 milhões de crianças de rua. Ativistas tem conseguido uma transformação progressiva de leis que afetam as crianças. De 1960 até o presente, o modelo brasileiro tem se movido através de um enfoque da correção e controle da delinqüência, no qual as crianças de rua são consideradas uma ameaça à ordem social, para o respeito, a preocupação com prover bem estar social para crianças e proteção destes direitos.*

*Enquanto o modelo brasileiro compara-se favoravelmente com aqueles de outros países em desenvolvimento, mudanças sociais*

*tem limites. Condições para crianças de rua trabalhadoras no Brasil são ainda deploráveis, e a violência é feroz. Há necessidade de ir além da racionalidade técnica de um modelo e aumentar o apoio a movimentos sociais para mudanças.*

Sobressai neste recorte o fato dos autores se referirem num primeiro momento a *crianças do meio urbano e rural que estão vivendo na rua* e logo a seguir afirmarem que há aproximadamente 17 milhões de *crianças de rua*. Visto termos traduzido o termo *street children* por *crianças de rua* e não meninos de rua que para nós funciona como pré-construído na sociedade brasileira, a distinção apontada anteriormente é significativa. É distinto o funcionamento discursivo, como nossas análises estão constatando, da expressão *crianças* contraposta à expressão *meninos de rua*. Crianças vivendo e trabalhando na rua são diferentes de meninos de rua, as primeiras são vistas como merecedoras de cuidados, tem direito à educação e ao futuro, aos meninos de rua associam-se imagens de correção, controle policial e violência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como colocado anteriormente, entendemos que tanto no discurso jornalístico como no discurso científico, o indivíduo se constitui em agente de práticas sociais, e o sentido de seus enunciados são determinados em relação à sua posição de sujeito, posição esta determinada sócio-historicamente. Pêcheux (1988) e Henry (1992) escreveram que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, não *existe em si mesmo*, sendo sempre determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico à partir do qual são produzidas e reproduzidas. Em nossas análises enfocamos a realidade das crianças sob dois pré-construídos, crianças que chamaremos de crianças mesmo, objeto de atenção e desvelo, e crianças vistas como *meninos de rua*, à margem da infância, discriminadas, sujeitas a todo tipo de violência, ao julgamento e à punição.

Nossas análises juntam-se à afirmação de Roure (1996) ao constatar que quando se trata de crianças e adolescentes de classes popula-

res, desconsidera-se que esta realidade, a dos meninos de rua, é consequência de um sistema sócio-econômico que se sustenta em estruturas desiguais, e que a cristalização do discurso sobre os *meninos de rua* impede que crianças e adolescentes sejam considerados em sua história de exploração e marginalização.

### **Abstract**

*In this reflection, shall make use of the theory of analysis of discourse, taking into account our proposal to analyse the imaginary which permeates the expression street kids as transmitted by the media, comparing this with the expression street children used in articles published by social scientists in academic journals. The object of analyses will be composed of selected articles from the 'Folha de São Paulo' newspaper, seen as journalistic discourse and abstracts of articles, included in the data base SOCIOFILE – Sociological Abstracts, seen as scientific discourse. We shall seek to understand the passage from the notion of child to the pre-constructed notion of street kid and what results from this passage. We shall relate the questions linked to discursive structuring as constitutive of a certain social memory, with the discourse of the media and the scientific discourse when it deals with street kids.*

### **Key-words**

**ANALYSIS OF DISCOURSE**  
**SCIENTIFIC DISCOURSE**  
**JOURNALISTIC DISCOURSE**  
**SOCIAL MEMORY**

---

Artigo aceito para publicação em 27.10.03

---

## REFERÊNCIAS

- ANGENOT, Marc . *Le discours social et ses usages*. Quebec,1984
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, discurso e sujeito*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1992.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 1990.
- \_\_\_\_\_. Rôle de la mémoire. In: ACHARD, Pierre at al. *Histoire et linguistique*. Paris: CNRS, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. Meninos de rua. São Paulo. *Folha de São Paulo*. Folha de São Paulo, 17 fev. 1997.
- ROURE, Glacy de Q. *Vidas silenciadas: a violência com crianças e adolescentes na sociedade brasileira*. Campinas: UNICAMP, 1996.